

1

O Carisma Eclesial de Luigi Giussani

"Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se faz nova uma realidade (2Cor. 5,17). Nós nos tomamos uma realidade nova: o que é velho já passou'. (...) uma mudança na vida do homem só pode acontecer porque Deus entrou na sua vida. Então só é possível experimentar uma mudança profunda e radical se na vida do homem penetra algo de totalmente Outro. De outra forma, não há nada de novo debaixo do sol, como afirma a Bíblia. Esta novidade sempre foi à espera de todos os povos da humanidade. Não existe outro fim para o movimento humano, a não ser a promessa de uma realidade nova. Porém a hipótese de uma realidade nova fica absurda, se não entrar na história algo que supere o limite do humano".

1.1

O Início de Uma Vocação¹¹

Sua contribuição à vida da Igreja está intimamente ligada à sua formação no Seminário de Venegono Inferior na Arquidiocese de Milão e a história do Movimento Comunhão e Libertação por ele fundado.¹² Em sua vida não é dado encontrar um momento ou uma situação precisa em que se elabora o programa ou a decisão de gerar algo novo na história da Igreja.¹³ O dom do Espírito, ou carisma, introduz nesse sentido um valor que ao mesmo tempo aumenta e transfigura as circunstâncias

¹¹"Nossa história não nasce da projeção de uma análise e maneira nossa de conceber o homem e a vida, mas nasce, de repente, como surpresa e maravilha pelo anúncio de Cristo e a sua comunicação. O que pra mim foi decisivo. Eu era um jovem seminarista de Milão, um rapaz bom, inteligente, exemplar. Mas a arte (a vida) precisa de homens comovidos, não de homens reverentes (...). O homem não se toma grande através do escrúpulo; a grandeza vem por graça de Deus, como num lindo dia (...) eu tinha então 15 anos, foi quando, na minha aula de religião, o professor explicou a primeira página do Evangelho de São João: 'O Verbo de Deus, ou seja, a consistência de todas as coisas, se fez carne, a Beleza se fez carne, a Bondade se fez carne, a Justiça, o Amor, a Vida se fizeram carne, (...). O ser (Beleza e Verdade) quis não só revestir de carne a sua perfeição e sofrer a fadiga desta vida humana, mas, também, morrer pelo homem'(...). Literalmente a partir daquele momento, a minha vida foi invadida por esta memória. Seja como memória que, persistentemente, repercutia no meu pensamento, seja como estímulo para a revitalização da banalidade quotidiana, porque o instante, a partir de então, não foi mais banalidade para mim (...). Cristo veio entre os seus, mas os seus não O receberam. O Verbo se fez carne, e a quem O reconheceu, deu o poder de se tornar filho de Deus. O desejo que todo o jovem tem de uma diversidade que torne sua vida cheia de um interesse sempre novo, cheio de alegria, - desejo que eu também tinha - encontrou nessa página uma fonte em minha vida que nunca mais se esgotou. (...) Cristo é tudo, quer dizer que a paixão curiosa pelo saber, a emoção da leitura de autores clássicos, a emoção dramática dos encontros afetivos, o significado da própria família, e tudo o que há à sua volta, tudo em Cristo, pode encontrar seu ponto de esclarecimento, tudo pode se reencontrar na verdade que contém. Até mesmo o mal se toma como um cachorro que não causa mais medo. É um entusiasmo de juventude e, ao mesmo tempo, uma interioridade viril, capaz de crítica adulta. Na relação com Cristo, tudo isso se torna possível. Uma pessoa experimenta esta juventude e esta força, e não tem mais medo do poder, e deseja abraçar o mundo, sem medo do passado e do futuro. Cristo representa o ponto de convergência, de explicação, de origem de tudo". Cf. *Ibidem*, op., cit., pp. 33-34.

¹²GIUSSANI, L., AC, op., cit., p.29; Cf. Ronza, R, CL,op., cit., pp.13-14.

¹³Cf. Rondoni, Davide (organizador), **"Comunhão e Libertação: um Movimento na Igreja"**; [Tradução: Neófito Oliveira]. São Paulo: **Sociedade Litterae Comuniois**, 1999, Pág. 25.

contingentes nas quais se formaram a sua personalidade e o seu temperamento.¹⁴

Pe. Luigi Giussani nasceu em 1922, em Désio, uma pequena cidade nos arredores de Milão. Recebeu de sua mãe a primeira introdução quotidiana à vida de fé. De seu pai, pertencente a uma família com dotes artísticos (era este um entalhador e restaurador) recebeu o convite constante a se perguntar o porquê, a razão das coisas. Além disso, aprendeu em família sinais de um clima de grande respeito pela pessoa e uma ativa educação para manter despertas as dimensões verdadeiras do coração e da razão. Com o amor de seu pai, um socialista anárquico, aprendeu o' amor pela música, e com sua mãe o amor a Deus. Muito jovem entra no Seminário, prosseguindo os estudos e concluindo-os sob a orientação de mestres como Gaetano Corti, Giovanni Colombo, Carlo Colombo e Carlo Figini. Esta Escola Teológica será um ambiente importantíssimo não só pela formação cultural e pelas relações de estima e de viva humanidade que experimenta com alguns de seus mestres, mas pela experiência de companhia que viveu com alguns 'colegas', descobrindo juntos, o valor da vocação, o valor de um carisma que se manifesta no amor e para o mundo.¹⁵

A centralidade da pessoa de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, a ênfase sobre o anúncio cristão, resume bem o conteúdo da mensagem teológica de nosso autor. Nos anos em que cursava teologia, com alguns colegas de estudo que compartilhavam o seu modo de 'sentir' a pessoa de Jesus, deu vida ao '*Studium Christi*'. Era uma forma de compreender o Cristianismo não como uma teoria, uma filosofia, um projeto de vida ou uma práxis de normas e ritos. Era entendido essencialmente como um acontecimento de Deus que irrompe através da História na pessoa de Jesus Cristo, a única possibilidade de uma vida verdadeira para o homem. A Igreja era compreendida como o âmbito no qual, o evento salvífico e

¹⁴Cf. Rondoni, "**Comunhão e Libertação: um Movimento na Igreja**", op. cit., P. 25. Cabe registrar aqui como referência a fundamentação bíblica da dimensão pneumatológica, numa reflexão do teólogo Clodovis M., Boff, OSM, num artigo intitulado "**Espiritualidade do Militante (com enfoque pneumatológico)**", onde o autor apresenta no Evangelho de Lucas a manifestação do Espírito Santo em Cristo e o que o levou a viver uma entrega total a sua missão e um abraço integral à realidade. Boff, C., M., artigo in "**Fé e Política - fundamentos**", (Organizado por Pedro A. R. de Oliveira), Idéias & Letras, São Paulo, 2004, pp. 191 -214 (pp. 191-198).

¹⁵ Rondoni, Davide, "ibidem", p.26.

libertador de Jesus Cristo acontece continuamente. O comportamento dos membros do 'Studium Christi' - a forma de ver a realidade, as suas leituras, as preferências no campo literário (em particular autores medievais como Jacopone de Todo e alguns modernos como Leopardi, Dostoievski, Pavese) – não deixou de suscitar nos outros desconfianças e reações.¹⁶

Este foi considerado por ele como o primeiro núcleo do movimento, que, nos anos seguintes, tomar-se-ia '*Giuventù Studentesca*' (Juventude Estudantil).¹⁷ Assim, a partir de 1954, movido pelo desejo de comunicar aos jovens estudantes do colegial aquilo que tinha recebido e aprendido durante a sua formação no Seminário, deu vida a um movimento eclesial que, inicialmente, foi chamado de '*Juventude estudantil*' e, a partir de 1968, de '*Comunhão e Libertação*'.¹⁸

Logo após a ordenação sacerdotal, em maio de 1945, seus formadores o destinaram a continuar o estudo de teologia, depositando nele esperança acadêmica, por causa da sua capacidade de pesquisa científica. No outono daquele mesmo ano, obteve o mestrado em Teologia e, depois passado algum tempo, em 23 de junho de 1954, o doutorado com êxito brilhante ("*Summa cum laude*"), com o título '*O Sentido Cristão do Homem, segundo Rheinhold Niebuhr*'.¹⁹ Num artigo publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, escreveu: "Anima-nos um amor à nossa humanidade, ou seja, àquela espera de realização total que todo homem tem".

Um episódio vivido por ele ilustra com clareza a preocupação que está na origem da juventude estudantil. Era 1954, Pe. Giussani era professor de Teologia Dogmática e Oriental no Seminário de Venegono e não previa mudanças, mas sempre admitiu ter-se dado conta da existência de algo que só mais tarde seria chamado 'movimento' graças ao resultado e aos frutos imprevistos que o seu convite tinha gerado em

¹⁶Cf. ibidem, op., cit., p.10.

¹⁷Cf. GIUSSANI, L., "*Lettere di Fede e di Amicizia*", San Paolo, Milano, 1997, p. 10. As próximas citações desta obra virão com a sigla: LF.

¹⁸Cf. Ronza, CL, op., cit., p.11.

¹⁹ Cf. GIUSSANI. Esta obra foi publicada em 1969, na coleção "Hildefonsiana", com título: ***Teologia Protestante Americana. Profilo Storico***: Cf. Giussani, L., "***Porta La Speranza, Primi Scritti***", Marietti, Genova, 1997, p.212.

alguns jovens envolvidos com ele. Pode-se afirmar, com efeito, que o único 'programa' que o guiou na escolha de ingressar nas escolas de nível médio foi repropor o cristianismo como resposta às exigências da razão e da experiência de cada homem e dos jovens.

Mas um pequeno episódio o fez mudar sua vida e obra, fazendo-o tomar a decisão de pedir para ser designado por seus superiores a lecionar (abandonando um possível caminho brilhante como teólogo profissional). Durante uma viagem de trem com destino a Rimini, estando com alguns jovens no vagão do trem, por acaso começou a conversar com eles. Falando a eles sobre o cristianismo, percebeu logo que eram ignorantes no que diz respeito à natureza e a finalidade da vida cristã e da Igreja (ignorância não tanto das noções catequéticas que se aprendiam então, mas ignorância da essência do cristianismo, como acontecimento que penetra a vida).

"Eu era, então, professor no Seminário de Venegono; ensinava Teologia Dogmática nos cursos seminarísticos e Teologia na Faculdade; nem pensava nas grandes mudanças que em breve ocorreriam. Tudo começou com um pequeno episódio, que acabou mudando a minha vida: enquanto me dirigia para o litoral Adriático, para um período de férias, durante a viagem de trem comecei a conversar casualmente com alguns estudantes, que ignoravam completamente a Igreja. E sendo obrigado – por lealdade, por bom espírito – perante a essa ignorância, a aversão e a indiferença manifestada em relação à Igreja, pensei, então, que devia me dedicar à reconstrução de uma presença cristã no ambiente estudantil".²⁰

Aquele diálogo documentava a pergunta profética que T.S. Eliot dirigiu na metade dos anos 30 nos seus Coros de '*A Rocha*': "Foi à humanidade que abandonou a Igreja ou foi a Igreja que abandonou a humanidade?"²¹ Pensou, então, em dedicar-se à reconstituição do testemunho cristão no ambiente escolar, no qual, de fato, estava ausente uma presença cristã; ao contrário, existia, sim, uma batalha anticatólica, construída pelos professores e grupos com idéias e valores laicistas.²² Naquele mesmo ano, os superiores do Seminário pediram que fizesse uma escolha: dedicar-se completamente ao ensino de Teologia ou integralmente ao apostolado entre os estudantes. Então, Pe. Giussani

²⁰Ronza R., CL., Jaca Book, edição ampliada de 1986, transcritas da **Passos**, nº. 47, 2004, p.24.

²¹Cf. Eliot, T. S. "**Coros de 'Rocha. In: Poesia'**", Ed.Nova Fronteira, Rio de Janeiro , 1981, p.89.

²²Cf. GIUSSANI, L., '**Il Cammino al Vero è Un Esperienza'**, Società Editrice Internazionale, Torino, 1995, p. VIII. As próximas citações desta obra virão com a sigla: CV.

preferiu deixar o Seminário e assumiu o encargo de professor de religião no ‘*Liceu Berchet*’ de Milão.²³ Assim, nasceu o primeiro grupo de juventude estudantil.²⁴ Também para o então Arcebispo de Milão, Cardeal Montini, era necessário ter especial cuidado com os jovens, ajudando-os a viver uma experiência cristã que correspondesse às suas exigências fundamentais.²⁵ O centro da preocupação era o ‘Laicismo liberal’, que destruíra inteiramente uma aparente cristandade, indiscutível e consolidada. ‘Laicismo’ entendido, nas palavras da célebre definição do filósofo católico Cornélio Fabro, como uma atitude segundo a qual “Deus, se existe, não conta”.²⁶

Por causa de seu passado, a Igreja nos anos 50’ era ainda uma presença sólida e enraizada. Entretanto, seu peso e sua firmeza fundamentavam-se, principalmente, em dois pilares: ‘na participação em massa ao culto católico devida geralmente a uma força preceitual’ e, ‘paradoxalmente, em um poder estritamente político e mal utilizado do ponto de vista eclesial’. Conseqüentemente, tanto a Igreja quanto os organismos partidários (sua face política) permaneciam insensíveis à importância da criatividade cultural e, portanto, ao problema educacional. Do ponto de vista da Igreja, a solução do problema parecia simples: tudo era resumido no esforço em aumentar o número de seus inscitos.

Entretanto, na vida de tais associações o conteúdo da fé (excluindo alguns momentos de entusiasmo) era reduzido ao mais puro moralismo, ou seja, à observância estrita de alguns poucos mandamentos e rubricas. Logo o entusiasmo cultivado e provocado pelos aspectos cerimoniais e

²³“Para isso, pedi (e obtive) dos meus superiores a licença para deixar Venegono e ir para Milão; e ali fui designado para ensinar religião no Colégio G. Berchet. Desde os primeiros dias nesse novo cargo, a intuição inicial que eu tivera no trem a respeito da ignorância dos estudantes só veio, infelizmente, a se confirmar. Eu abordava os pouquíssimos estudantes que portavam o distintivo da Ação Católica ou dos Escoteiros e os interpelava, nos corredores, enquanto subíamos a escada: ‘Mas vocês acreditam mesmo em Cristo?’. Eles me olhavam surpresos; não encontrei um só que me tivesse respondido ‘sim’ com a espontaneidade característica de quem tem dentro de si uma verdadeira raiz da fé. E uma outra pergunta que eu fazia a todos, naqueles primeiros tempos, era: ‘Na sua opinião, o cristianismo e a Igreja estão presentes na escola, têm uma incidência dentro da escola?’. A resposta era quase sempre feita de susto ou cercada de um sorriso irônico”.(In: Ronza R., “*CL...*”, Jaca Book, edição ampliada de 1986, artigo da **Passos**, nº. 47, 2004, p. 25).

²⁴Cf. GIUSSANI, CV, op., cit., pp. 13-15.

²⁵Cf. Ibid, LF., op., cit., pp. 11-12.

²⁶ Cf. Ibid, L. “*A Consciência Religiosa no Homem Moderno*”, tradução Portuguesa, Companhia Ilimitada, São Paulo, 1988, pp. 33-34. As citações seguintes desta obra virão com sigla: CR.

pelos momentos de massa eclesial sucumbia. Toda a vida e a complexidade da experiência cristã eram, naqueles grupos, reduzidos às observações retóricas de alguns dirigentes.²⁷ O fato então é que:

"A única manifestação cultural era o entusiasmo cultivado, solicitado, provocado pelos aspectos cerimoniais e por momentos de contato da massa com a vida eclesial. Arriscavam propor gestos superficiais, sem valor educativo. Não eram o resultado de uma educação e, por isso, ficavam sempre mais perdidos. Todavia, mesmos se tais gestos não eram restituídos conscientemente nas suas motivações, tratavam-se de gestos culturais, porque pertenciam à manifestação pública da Igreja, à sua sacramentalidade e tais gestos de massa eram, certamente um sinal; todavia não havia a consciência das suas motivações".²⁸

A concepção e a metodologia pedagógica de Pe. Giussani demonstraram logo a oposição que existia entre o movimento dirigido por ele e as outras organizações católicas presentes na Arquidiocese de Milão. De fato, o fundamento da pedagogia destas organizações não era o 'cristianismo como um acontecimento e a experiência da fé'. Metodologicamente, fundamentavam-se sobre reflexões concentradas em meditações individuais de cunho introspectivo. Para aquelas associações, a religião era antes de tudo a do 'Livro', a da 'palavra', do anúncio evangélico dado de uma vez por todas. O papel da autoridade ficava reduzido a orientar e sugerir as meditações a serem feitas, enquanto que o indivíduo permanecia sozinho diante do texto, esforçando-se cotidianamente para tirar das afirmações lidas e os critérios de orientação para a vida concreta. Para nosso autor, ao contrário, a religião não é aquela do 'Livro', mas a dos acontecimentos concretos, que possibilitam ao homem de hoje viver a mesma experiência que evoca aquela dos apóstolos e dos discípulos de Cristo: a experiência de um 'encontro' humano que corresponde às exigências fundamentais da nossa vida. A trajetória da Igreja Católica relaciona-se, portanto, de um modo decisivo, à possibilidade de constituir-se como lugar de experiência concreta do fato religioso fundamental. Uma Igreja que perde a sua visibilidade concreta no mundo para permanecer na esfera espiritual, uma Igreja que não é mais o lugar de experiência capaz de envolver todos os aspectos

²⁷Ibid, ibidem, p. 18.

²⁸Ronza, CL, op. Cit., pp. 15-16.

da vida está destinada a desaparecer.²⁹ A perda da consciência concreta e a espiritualização são sinais de seu declínio.

Sua proposta tem como *objetivo* 'ajudar os jovens a redescobrir o mesmo impulso profético do cristianismo original'. É esta redescoberta que legitima o pensamento de nosso autor na sua independência diante das regras formais do 'associacionismo' da época: divisão por sexo e grupo profissional, respeito e submissão às estruturas paroquiais organizadas, vínculos orgânicos com os diversos ramos da *Ação Católica* (AC). Além disso, para Pe. Giussani, Juventude Estudantil não podia ser codificada como mera organização; ele desejava ser, ao contrário e antes de tudo, um lugar de experiência: as reuniões semanais não tinham por objetivo a difusão mais ou menos culta da exegese. De fato, o '*raio*'³⁰ que os militantes tomavam do dicionário da AC, para definir os próprios encontros semanais, não diz respeito à difusão da palavra de Deus, mas sim a reinterpretação das experiências individuais segundo os princípios cristãos: a Igreja não é somente o 'veículo' de um anúncio de salvação, ela é a 'experiência concreta' de salvação.³¹

Contra a autêntica experiência cristã³² estava em ação, no campo da cultura laica dos anos 50', um processo de radicalização que tinha na Universidade de Pisa um dos seus principais pontos de força.³³ Qualquer presença ou idéia cristã que se manifestasse no ambiente estudantil se deparava com a agressividade por parte dos professores. Desde então, era evidente que a "*intelligenza*" laica visava sistematicamente às cátedras mais significativas (de História, de Italiano, de Filosofia), tendo em vista fazer delas um púlpito anticristão, destruindo, assim, a fé de

²⁹A essência do anúncio cristão não é um espiritualismo abstrato, mas é o anúncio de Cristo como o centro de toda a vida do homem e da história. E isto se vive pertencendo e vivendo em uma comunidade, porque Cristo continua presente dentro do grande sinal, a Igreja: Cf. Ronza, *ibidem*, p. 19.

³⁰"*Raio*" era o nome dado às primeiras reuniões de Juventude Estudantil (JE). Tais reuniões assim eram chamadas porque todos os que delas participavam eram convidados a colocar em comum, como em volta de uma roda, a própria experiência; e não as especulações exegéticas ou discursos.

³¹Abbruzzese, S., **Comunione e Liberazione**, Laterza, Bari, 1991, pp.34-35.

³²"A Igreja ainda tinha uma forte presença na sociedade italiana; e tinha, mesmo, mas só como resultado de um passado que ainda não se havia subvertido pelo ataque que, com todas as evidências, vinha sendo preparado naquelas oficinas de 'homens novos', de 'sociedade nova', que são: a escola e a universidade". Ronza, *ibidem*, p. 17.

³³Cf. *Ibid*, *Ibidem*.

seus alunos e crentes.³⁴ Da parte desses professores, em relação à experiência religiosa, dominava o preconceito e a intolerância, em plena contradição com a abertura de idéias que muitas vezes proclamavam: tudo quanto vinha da Igreja era *a priori* desumano e, com os cristãos, não valia a pena nem mesmo discutir. Visto que a tradição literária italiana era muito rica de personalidades cristãs, também esta não foi poupada da cruzada anticatólica dos anos 50'.³⁵ A separação entre o religioso e o secular era a nota dominante da visão religiosa daqueles professores. Assim, incutiam na '*mens*' dos alunos idéias abstratas, ensinando-lhes sem propor uma visão real da vida e da realidade (e sim uma 'ideologia'). Por isso não geravam e nem solicitavam qualquer posição cultural, seja cristã ou que respeitasse o cristianismo. Paralelamente a tudo isso, a AC e sua metodologia já citada não incidia sobre tais posturas da chamada 'cultura laica', o que deixava Pe. Giussani perplexo, a ponto de se perguntar: "Como é possível que com toda a força que aparentam possuir e a sua capacidade de mobilização, estes organismos da AC não incidiam sobre os ambientes nos quais a grande maioria das pessoas passa as horas de seu dia?".³⁶

1.1.1 A Resposta de Fé

Nasce, então, como resposta de fé a essa situação de crise e de ausência incisiva dos cristãos nos ambientes mais vivos e concretos (de modo particular, nas escolas, nos quais a grande maioria das pessoas passava a maior parte do tempo), a partir de 1954, uma dedicação à reconstituição do testemunho cristão. "Testemunho cristão no ambiente escolar, repondo o anúncio do cristianismo como acontecimento presente, humanamente conveniente ao homem que não quer renunciar ao cumprimento de suas buscas e ao uso sem reduções da razão".³⁷

Como fundamento estava a convicção que, mais tarde, se tomaria à

³⁴Cf. Ibid., p. 18.

³⁵Cf. Ibid. p. 19.

³⁶Cf. Ibid. p. 17.

³⁷GIUSSANI. CV. op., cit., p.VIII.

certeza, de que a proposta cristã pode atrair os jovens, fasciná-los e, portanto, desafiar os tempos, como 'opção' perfeitamente adequada, isto é, humana e razoável. Para nosso autor a questão fundamental era apresentar a mensagem cristã de forma a revelar a sua capacidade de relacionar-se com as reais exigências de realizações humanas e de ser-lhes útil. Relacionar-se no sentido de 'correspondência', ou seja, de poder iluminar a natureza dessas exigências de uma maneira decididamente mais sugestiva e completa do que se podiam as ideologias ou as opiniões da mentalidade dominante (cultura laica), ou o puro senso comum. Ser-lhes útil no sentido de que a fé e a vida cristã são realmente capazes de responder aos problemas teóricos e existenciais dos jovens estudantes, demonstrando-lhes serem melhor que outras fórmulas às novas exigências que emergem passo a passo na vida deles.³⁸ Esse conjunto de considerações constituiu-se em hipótese de trabalho e tomou corpo, em 1954. No princípio, ao menos, não teve intenção de criar novas estruturas ou uma nova organização de âmbito eclesial, senão, simplesmente, de reanimar as que já existiam; porém, sua experiência teve, desde o início, características próprias, bem como diretrizes pedagógicas e planejamento prático, muito originais. Desse ponto de vista, considerar que o movimento começou em 1954 parece plenamente justificável.³⁹

Durante o ano letivo de 1954-55, Pe. Giussani começou a reunir-se com alguns alunos do Liceu Bérchet⁴⁰, dando início, assim, à primeira

³⁸Cf. *Ibid.*, *Ibidem*, p. 9.

³⁹Cf. *Ibid.*, pp. 6-43.

⁴⁰"Algum tempo depois de eu me tomar professor de religião no Berchet, notei que durante o intervalo, num dos patamares das escolas do colégio, reunia-se um grupo de moços que conversavam com muita familiaridade e animação; isso era todo dia, e sempre os mesmos. Essa amizade me impressionou. Eu me informei sobre quem eram, e me responderam: 'são os comunistas'. Aquilo me chocou, Eu me perguntava: 'Por que os cristãos não são capazes nem dessa unidade que Cristo, indica como a mais imediata e visível característica dos que crêem n'Ele?' Assim, um dia, depois das aulas, eu voltava para casa ruminando esse fato, irritado com essa incapacidade dos cristãos de serem fiéis a si mesmos e à própria fé. No caminho – eu poderia até citar o nome da rua – encontrei quatro rapazes que conversavam entre si. Eu me aproximei e perguntei: 'você são cristãos?'. 'Sim', me responderam, um pouco assustados com a pergunta. 'Ah! São cristãos', comentei. 'E na escola, quem percebe isso? Nas assembléias do grêmio estudantil, quem se faz presente e luta são os comunistas e os monarcofascistas; e os cristãos, onde estão?'. Na semana seguinte, esses quatro moços compareceram à assembléia e fizeram um discurso que começou com estas palavras: 'Nós, católicos...' A partir desse momento, naquela escola, por pelo menos dez anos – até quando ali eu estive do ano acadêmico de 1954-55 até 1964-66, o assunto mais discutido e debatido passou a ser Igreja e cristianismo". (Cf. in: *Passos*, nº. 47, 2004, p. 29).

comunidade de Juventude Estudantil (JE). Em seguida, nasceram, em outras escolas milanesas pequenas, 'comunidades de instituto'⁴¹, germinando-se, pois, a partir da primeira.

Em pouco tempo o movimento se estendeu inicialmente pela cidade e depois por toda a diocese de Milão, expandindo-se por toda a Itália. Não demorou muito para que se transformasse em um fenômeno social: no início dos anos 60', JE já contava, somente em Milão, com alguns milhares de membros.⁴² O elemento que se apresentava (e ainda se apresenta) mais persuasivo para a sensibilidade da maior parte dos jovens era a ênfase que se colocava na frase evangélica: "Quem me segue terá a Vida Eterna e o cêntuplo aqui" (Mt. 19,29). É conveniente aceitar a hipótese de Cristo para verificá-la como resposta mais verdadeira e completa às exigências da vida. Não apenas no outro mundo, mas já neste.⁴³

1.1.2

O Método Educativo

Metodologicamente, não bastava somente ajudar os jovens a compreender intelectualmente o cristianismo; era necessário também propor 'iniciativas'⁴⁴ que pudessem ajudar a mover a vontade e a liberdade deles. Assim, os jovens eram motivados a compreender que o cristianismo não tira a pessoa da existência, ou seja, da realidade, mas ao contrário, leva-a a empenhar-se e comprometer-se com a totalidade dos fatores que compõe a vida. Assim como o 'raio' tinha a finalidade de partilhar experiências e ajudar aos jovens a ter 'consciência de ver o fundamento da realidade' (o Mistério dentro da realidade), as 'iniciativas' tinham como dever educar a vontade de atuar na vida. Eram gestos concretos, tais como as orações em comum, as obras de caridade, os

⁴¹ '**Comunidades de institutos**' era o nome dado as primeiras 'pequenas comunidades de Giuventù Studentesca (JE) que nasceram em várias escolas milanesas.

⁴² Cf. GIUSSANI. "**Porta La Speranza (...)**" op., cit., p. VII.

⁴³ Cf. GIUSSANI. AC, op. cit., pp. 15-16.

⁴⁴ "Eram os momentos em que se convidava ao empenho e à generosidade para com o ideal encontrado": Cf. Rondoni, op., cit., p. 35.

serviços comunitários, os debates culturais e públicos, as férias, os chamados '*Três dias*' - momentos de exercícios espirituais e de formação, as celebrações da Páscoa, as convivências, o esporte, o teatro, a música. Nada disso ficava de fora, tudo era proposto como "obrigação" para quem se aproximava, pois tinha o objetivo de enriquecimento da vida e da comunidade, mas não participar desses gestos significava ficar à soleira daquilo que era iniciado pelo 'raio' como gesto de experiência cristã autêntica.⁴⁵

A vida da JE logo ficou marcada pela riqueza e variedade de iniciativas que, do campo cultural ao expressivo, do empenho social ao caritativo, animava a vida dos seus membros e contagiava as escolas e os jovens envolvidos. Cada circunstância, até mesmo um espetáculo em cartaz no Pequeno Teatro de Milão, ou uma aula era ocasião para verificar a proposta cristã e para um juízo a partir de a experiência que se fizera com o acontecimento cristão. Assim também as férias foram assumidas, de modo particular, como ocasião para propor um encontro com Cristo. O seu objetivo era viver a experiência da beleza e do gosto pela vida, que nasce do sentir-se parte de uma comunidade cristã autêntica. Assim, as férias se tornaram uma ocasião muito propícia para que a JE se difundisse. De fato, não foi à obediência a um esquema ou a um programa pré-fixado que possibilitou a difusão dessa juventude na Itália⁴⁶; ao contrário, esta se deu pelo 'contágio' natural dos jovens que, nas praias, com suas famílias, ou nas montanhas, com seus amigos, não podiam prescindir do cristianismo e não podiam deixar de comunicá-lo aos demais.⁴⁷

Ao lado de iniciativas que nasceram da paixão pela liberdade entendida no sentido pleno, nasceram atividades de caridade e de sensibilidade social. Além disso, compartilhando concretamente a missão universal da Igreja⁴⁸, vivamente experimentada no período conciliar,

⁴⁵Cf. Ronza, CL., op. cit., pp. 48-51.

⁴⁶Cf. Ibid. Ibidem.

⁴⁷Cf. Ronza, ibidem, p. 50.

⁴⁸**Decreto do Concílio Vaticano II "Ad Gentes"**. Cf. **Documentos do Vaticano II, Decretos e Declarações**, Orientador: Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M. e Coordenador: Fr. Frederico Vier, O.F.M., (Edição bilingüe) Editora Vozes, Petrópolis -RJ, 1966.

nasceu em 1962 uma iniciativa missionária no Brasil, pela primeira vez inteiramente sustentada por uma comunidade de jovens. Durante os dez anos da vida da JE, isto é até 1954-64, não se apresentaram grandes problemas. A JE não pretendia constituir-se como uma nova associação, exceto como movimento criado por um contínuo testemunho comunitário e cristão mais conscientes.⁴⁹

Educar consiste em induzir o jovem⁵⁰ a ter experiência da realidade total em dois níveis: enquanto 'desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até à sua realização integral, e ao mesmo tempo, afirmação de todas as possibilidades de relação ativa daquelas estruturas com a realidade'.⁵¹ Mas dado que a realidade não é completamente afirmada se não for evidenciada a existência de seu significado, a educação deve implicar tudo aquilo que contribui para evocar e conceder o desejo de Deus (senso religioso), que está em qualquer homem.⁵² Porém, para que seja possível tal educação, é preciso oferecer ao jovem uma hipótese de trabalho que seja explicativa e unitária. Tal hipótese é oferecida pela própria tradição em que o jovem nasceu.⁵³ No que diz respeito ao jovem, é necessário que ele se empenhe com sua tradição, procurando, através dela explicar todos os problemas que a vida apresenta.⁵⁴

Se isso é verdade para a vida em geral, é verdade, particularmente, para a vida cristã. De fato, o evento cristão teve início há dois mil anos e conserva-se vivo até hoje, através de uma transmissão ininterrupta na

⁴⁹Cf. Ibid, pp. 58-59.

⁵⁰“A idéia fundamental de uma educação voltada para os jovens vem do fato de que através deles se reconstrói uma sociedade; por isso, o grande problema da sociedade é, antes de qualquer coisa, educar os jovens (o contrário daquilo que acontece hoje)..., uma educação que seja verdadeira, ou seja, correspondente ao humano. Educação, portanto, do humano, do original que está em nós, que em cada um se desdobra de forma diferente, ainda que, substancial e fundamentalmente, o coração seja sempre o mesmo. De fato, na variedade das expressões, das culturas e dos costumes, o coração do homem é um: o meu coração é o seu coração, e é o mesmo coração de quem vive longe de nós, em outros países ou continentes (...) A primeira preocupação de uma educação verdadeira e adequada é educar o coração do homem da forma como Deus o criou”. (Cf. GIUSSANI, L., *“Educar é um Risco”*, op., cit., p.11).

⁵¹Cf. Ronza, Ibidem, p. 21.

⁵²Cf. Ibid, pp.8-15.

⁵³“Para educar, é preciso propor adequadamente o passado. Sem essa proposta do passado, do conhecimento do passado, da tradição, o jovem cresce problemático ou cético. Se não se propõe privilegiar uma hipótese de trabalho, o jovem a inventa para si de forma desconexa ou então se torna cético, o que é muito mais cômodo porque não faz sequer o esforço de ser coerente com a hipótese tomada para si. 'É a tradição conscientemente abraçada que oferece uma hipótese de significado, uma imagem do destino, destino'”, (Cf. GIUSSANI, L., Ibidem, p.12).

⁵⁴Cf. Ronza, Ibidem, p. 21.

Igreja, criada por Cristo para esta finalidade. Assim sendo, de forma atenta e leal, o jovem deverá ser solicitado continuamente a confrontar-se, antes de tudo, com esse patrimônio transmitido pela vida da Igreja.⁵⁵ Mas esse confronto, para ser fecundo, deverá situar-se não no plano dialético, discursivo, ideológico, mas sim no plano da experiência. A urgência dessa experiência pessoal implica uma solicitação incansável à responsabilidade do jovem, porque, se a idéia foi proposta e o educador oferece sua colaboração, só um compromisso consciente do indivíduo realizará seu valor e entenderá sua validade existencial.⁵⁶

Mas, essa tradição chega até ele encarnada na figura de adultos⁵⁷ (os pais, os professores, o sacerdote, um responsável) que nela cresceram. É, portanto, concretamente, no seguimento desta figura que o jovem pode verificar a validade da hipótese assumida. Na Tradição Cristã essa autoridade (entendida no seu sentido etimológico de 'aquele que é capaz de fazer amadurecer')⁵⁸ foi fixada nos seus fatores não elimináveis, insubstituíveis e autênticos por Cristo. É na referência responsável cordial a esta autoridade que está a garantia objetivamente incontestável da vida da Igreja.⁵⁹ Mas, também, na singular comunidade é indispensável que existam pessoas que sejam pontos de referência responsáveis. Essas pessoas se tornam autoridades não por uma imposição vinda do alto, mas porque são testemunhas de fé e de vida

⁵⁵Ibid, pp. 21-22.31-34.

⁵⁶Cf. Ibid, pp. 61-64.159-161.

⁵⁷"A nossa insistência é sobre a educação crítica (que consiste em dar-se a razão das coisas não possui um sentido necessariamente negativo): o jovem recebe do passado por meio de presente vivido com o qual se depara, que lhe propõe aquele passado e lhe dá as suas razões; mas ele deve pegar esse passado e essas razões, colocá-las diante dos olhos e compará-las com o próprio coração e dizer: 'é verdadeiro', 'não é verdadeiro', 'duvido'. E assim, com a ajuda de uma companhia (sem essa companhia o homem está demasiado à mercê das tempestades do próprio coração, no sentido ruim e instintivo do termo), pode dizer: 'sim' ou 'não'. Assim fazendo, adquire a sua fisionomia de homem". (GIUSSANI, Ibidem, p.13).

⁵⁸"A experiência da autoridade surge em nós como o encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, de modo que ela se impõe a nós como alguém revelador, que gera em nós a novidade, fascínio, respeito. Há nela uma atração inevitável, e em nós uma inevitável sujeição. A autoridade, com efeito, chama a atenção para a experiência, mais ou menos clara, da nossa inteligência e do nosso limite. Isto nos leva a segui-la e a fazermos-nos seus 'discípulos'. Mas se na idade adulta essa autoridade é reconhecida e escolhida pela responsabilidade madura de uma comparação, nas idades precedentes ela é fixada pela própria natureza na 'realidade originadora' do indivíduo (...) A autoridade é o meu 'eu' mais verdadeiro. Pelo contrário (...) hoje em dia muitas vezes a autoridade se propõe e é sentida como algo estranho, que 'se adiciona' ao indivíduo. A autoridade fica fora da consciência, ainda que possa ser um limite devotamente aceito (...) a função educativa de uma verdadeira autoridade configura-se precisamente como 'função de coerência': um chamado de atenção contínuo para os valores últimos (...) um critério de juízo permanente sobre toda a realidade" (Ibid, pp. 57-58).

⁵⁹Cf. Ibid, p.63.

reconhecidas pela comunidade.⁶⁰

1.1.3

O Aprofundamento do Carisma⁶¹

Os primeiros dez anos de Juventude Estudantil foram marcados pelo florescimento imprevisto de uma experiência cristã nas escolas e em algumas universidades. Nos anos de 1965 a 1969, consumou-se dentro da JE uma crise que, analogamente ao que aconteceu naqueles anos com toda a espécie de associação juvenil, especialmente as católicas trazendo várias fraturas e dispersões. Mas o próprio Pe. Giussani muitas vezes afirmou que a crise que atingiu o movimento não foi a consequência de 1968, mas tratou-se de um processo que amadurecera durante alguns anos, desde 1964.

As origens dessa crise estão ligadas ao fato de que uma parte do grupo que guiava a JE, justamente no momento em que foi confiada a ele (Giussani), após o término de sua experiência de professor de religião no

⁶⁰Cf. GIUSSANI, L., *“Tracce d’Esperienza Cristiana”*, Jaca Book, Milano, 1977, pp. 26-28. As citações seguintes desta obra virão com a sigla: TE.

⁶¹Em 26 de janeiro de 2004, agora por ocasião do 50º. Aniversário do nascimento de Comunhão e Libertação, Pe. Giussani mais uma vez se pronuncia ao Santo padre nestes termos: “Vejo-me outra vez obrigado a confiar-lhe, santidade, com o coração vibrando como nunca, a mais profunda emoção despertada por aquele que foi o juízo mais claro e pleno de autoridade sobre esta nossa experiência de cinquenta anos (...) eu não apenas nunca pretendi ‘fundar’ nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retomo aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais. (...) O problema capital do cristianismo (...) é que o cristianismo se identifica com um Fato –o Acontecimento de Cristo –, e não com uma ideologia. Deus falou à humanidade, não por meio de um discurso enfim desvendado pelos filósofos e intelectuais, mas como um fato que aconteceu, do qual se faz a experiência. Vossa Santidade o exprimiu na *‘Novo Millennio Ineunte’*: ‘não será uma fórmula a salvar-nos, mas uma Pessoa e a certeza que ela nos infunde: Eis que estou convosco!’. Se a paixão educativa e comunicativa tem uma característica, é o incessante chamado de atenção que faz a esse ‘focus’ inefável da experiência cristã, em que muitos escorregam por considerá-lo quase óbvio, como uma premissa que já se conhece de saída. (...) Seguindo o grande curso da Igreja e mantendo-nos fiéis ao magistério e à Tradição, sempre quisemos levar as pessoas a descobrirem – ou a verem com maior facilidade – como Cristo é uma presença. Para o caminho rumo à certeza de que Cristo é Deus, rumo a não duvidar de que é verdade o que Jesus Cristo disse de si mesmo, tem na atitude dos Apóstolos a verdadeira resposta, pois eles sempre perguntavam: ‘Quem é esse?’, por terem sido atingidos, dentro de sua experiência, pela excepcionalidade daquela presença que invadira a sua vida de homens (...) por isso não nos consideramos portadores de uma espiritualidade particular, nem sentimos a necessidade de identificá-la. O que nos domina é a gratidão pela descoberta de que a Igreja é uma vida que encontra nossa vida: não é um discurso sobre ela (...) é a humanidade vivida como humanidade de Cristo e isso indica a cada um de nós o valor do conceito de fraternidade sacramental, que, mesmo sendo difícil na sua totalidade, indica de maneira evidente uma outra densidade de vida. (...) É preciso, portanto, que a glória do Verbo divino seja buscada, no olhar que se lança para todas as coisas, no ímpeto de cada conquista, e que a salvação trazida por Cristo – mesmo que o faça sempre por meio da cruz – irrompa em cada nova aurora”. GIUSSANI, L., in *Passos*, nº.47, 2004, pp. 1-4.

Berchet, uma Cátedra de Doutrina e Moral Cristã na Universidade Católica de Milão (UCSCM), no outono de 1965, preferiu tomar outros caminhos em vez dos traçados pelo próprio fundador da JE. Sintetizando, pode-se dizer que aqueles líderes, a certa altura, influenciados pela obra do espanhol José Maria Gonzáles Ruiz, se reconheceram nas teses expressas no livro "*O cristianismo não é humanismo*"⁶², que mesmo contendo algumas intuições boas e bem interessantes, apresentava um limite fundamental – o de perder de vista a ontologia propriamente dita do fato cristão, ou seja, a sua natureza de acontecimento, pelo qual entra na história um fator diverso, divino: Cristo e a Igreja, que permitem ao homem uma esperança de libertação⁶³ – . A nota dominante da tese do livro de José Maria Gonzáles era a acentuação de uma concepção do cristianismo como motivo para o empenho social e político, ou seja, na prática, uma mera forma de empenho moral e social, colocando toda a esperança no empreendimento do homem e nas suas iniciativas. Aqueles líderes estudantis não compreenderam ou não quiseram mais compreender o chamado de atenção de Pe. Giussani para Cristo e a Igreja, para a natureza específica do fato cristão; terminaram então por colocar, inevitavelmente, suas esperanças fora do eixo ontológico da fé, ou seja, não no gesto gratuito com o qual escolhido por Deus para entrar na história.⁶⁴ Sobre este momento dramático comenta o Cardeal Joseph Ratzinger em sua homilia no funeral de Pe. Giussani em 24 de fevereiro de 2005, na Catedral de Milão:

"Pe. Giussani queria realmente não ter a vida para si, mas deu a vida, e por isso encontrou a vida não só para si, mas para tantos outros. (...) Não queria ser um patrão queria servir (...) distribuiu toda a riqueza de seu coração (...) tornando-se realmente pai de muitos e, tendo guiado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo ganhou os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas do mundo para o céu. (...) Esta centralidade de Cristo em sua vida deu-lhe o dom do discernimento, de decifrar de forma justa os sinais dos tempos em uma época difícil, (...) nos anos 68' e seguintes. Um primeiro grupo dos seus partiu para o Brasil e lá se deparou com a pobreza extrema, com essa miséria. Que fazer? Como responder? E foi grande a tentação de dizer: agora devemos, no momento, deixar de lado Cristo, deixar de lado Deus porque há urgências mais prementes, devemos antes começar a mudar as estruturas, as coisas externas, devemos antes melhorar a terra, depois devemos também reencontrar o céu. Era grande a tentação daquele momento de transformar o cristianismo num moralismo, o moralismo numa política, de substituir o crer com o fazer. Pois o que comporta o crer? Pode-se dizer: fazer alguma coisa neste momento. E mesmo assim, desse passo, substituindo a fé com o moralismo, o crer com o fazer, cai-se em particularismos, perdem-se, sobretudo, os critérios e as orientações, e no

⁶²Cf. Ronza, CL, op., cit., pp. 57.151.153.

⁶³Cf. Ronza, Ibidem, pp. 78-79.

⁶⁴Cf. Ibid, p. 79.

final não se constrói, mas se divide (...) com sua fé inabalável e sempre pronta, soube que também nesta situação, Cristo, o encontro com Cristo, permanece central, porque quem não dá Deus, dá muito pouco e quem não dá Deus, quem não faz encontrar Deus no rosto de Cristo, não constrói, mas destrói, porque faz a ação humana perder-se em dogmatismos ideológicos e falsos, como vimos muito bem, (...) conservou a centralidade de Cristo e exatamente por isso ajudou com as obras sociais, com o serviço necessário à humanidade neste mundo difícil, onde a responsabilidade dos cristãos para com os pobres no mundo é enorme e urgente. Quem crê deve também atravessar (...) o 'vale das sombras', os vales obscuros do discernimento, bem como das adversidades, das oposições, das contrariedades ideológicas que chegavam até às ameaças de eliminar fisicamente as pessoas para libertar-se dessa outra voz que não se contenta em fazer, mas que carrega uma mensagem maior, bem como uma luz maior (...) Mons. Giussani com a força de sua fé atravessou inabalável esses momentos obscuros e, naturalmente, com a novidade que carregava consigo, tinha também a dificuldade de se colocar no interior da Igreja. Sempre que o Espírito Santo, segundo as necessidades dos tempos, cria o novo, que na realidade é o retorno às origens, é difícil orientar-se e encontrar o conjunto pacífico da grande comunhão da Igreja universal".⁶⁵

A crise foi longa e dolorosa. Em 1966, já tinham se formado dois grupos contrapostos. A experiência cristã para aqueles que abandonaram a JE não se configurava mais como acontecimento religioso integral, era um 'estímulo' para o engajamento social. Aconteceu para nosso autor o doloroso "racha", gerando assim uma considerável hemorragia.⁶⁶ Para os jovens que continuaram ligados a Pe. Giussani, aquela crise marcou também o início de uma nova fase, mais clara e cheia de certeza, da sua experiência originária, um aprofundamento do carisma. A retomada do carisma pode ser considerada uma das realidades mais imprevisíveis, em que encontrou um caminho e uma proposta realmente adequada à exigência de autenticidade que em 1968 animava a movimentação de tantos jovens, mesmo sob as tantas reduções ideológicas e políticas. Foi assim que, justamente nas Universidades, um lugar em que a hegemonia dos movimentos ditos 'revolucionários' não tolerava nenhuma presença que contasse o seu projeto e a sua práxis, a proposta cristã iniciada e aprofundada por Pe. Giussani recobrou sua forma e clareza.⁶⁷ Os

⁶⁵Cf. In **Passos**, nº. 59, Edição Especial, 2005, pp. 8-9.

⁶⁶ "Segundo o meu modo de ver e de outros, a realidade que salva o homem e o mundo são Cristo e a Igreja, da qual a unidade dos crentes (entre eles e com autoridade) é expressão suprema e sinal da história. Assim, pois, de qualquer modo, e em qualquer caso, deve-se salvar esta unidade com a autoridade e entre nós. O outro grupo, ao contrário, colocando, antes de tudo, o acento sobre o empenho prático e organizacional, mas sobre um confronto dos problemas sociais, inspirados prioritariamente em exigências de ordem moral, colocava toda a esperança na coragem das iniciativas do homem e na sua capacidade de ação, no fundo não reconhecendo outros valores senão aqueles que pudessem favorecer os empreendimentos de tal ordem". (In Ronza, ibidem, p.79). Sobre isso comenta o papa João Paulo II, em um trecho de uma carta assinada e lida pelo Presidente do Pontifício Conselho Para os Leigos, Mons. Stanislaw Rilko, durante o funeral de Pe. Giussani em 24 de fevereiro de 2005: "Cristo e a Igreja: aqui está a síntese de sua vida e de seu apostolado. Sem jamais separar um da outra, comunicou ao seu redor um verdadeiro amor pelo Senhor e pelos vários papas que conheceu pessoalmente".

⁶⁷ Na saudação ao Santo Padre por ocasião dos trinta anos do Movimento Comunhão e Libertação em 29 de setembro de 1984, quando ele e um grupo de membros do movimento foram recebidos em audiência especial, afirma: "Somos livres, mesmo na dor humilde que

universitários e adultos que a ele permaneceram ligados tiveram como ponto de referência o "*Centro Cultural Charles Péguy*", de Milão, e centros semelhantes que surgiram nas várias cidades da Itália, onde o Movimento estava radicado. Nesses centros, que haviam nascido já em 1965, de modo especial no '*Charles Péguy*' de Milão, consolidou-se o '*Grupo Universidade*' que, já em outubro de 1968, fixa uma posição de "contra-ataque" à tendência que pretendia que os jovens católicos se inscrevessem obrigatoriamente no movimento estudantil, dominado pela esquerda de inspiração marxista-leninista.⁶⁸

Aqui encontramos, já, o motivo decisivo para o resgate do movimento iniciado em 1954 no *Liceu Berchet*: a idéia de que 'a Igreja é o lugar onde se realiza o início e a 'plenitude da salvação'.⁶⁹ Esta idéia não se refere apenas ao além, mas tem um âmbito educativo fundamental sobre a condição histórica atual do homem.⁷⁰ Além disso, os '*Centros Culturais*' promovidos pelo movimento neste período, propunham-se como lugar de junção e de referência entre pessoas e grupos eclesiais, que eram convocados, até mesmo pelos fatos que estavam acontecendo, a assumirem com clareza um rosto próprio e uma responsabilidade própria na Igreja de Deus dentro do mundo. Aos poucos '*Grupos*

experimentamos pela nossa natural miséria, e assim caminhamos dentro do mundo para levar aos outros esta liberdade, a qual nos foi dada por Cristo (Cf. Gl. 4, 31). A nossa grande e bonita companhia pretende ser instrumento de ajuda no mundo, para que, quem quer que seja, possa experimentar o programa da liberdade traçado pela *Redemptor Hominis*: 'o homem que quer compreender a fundo a si mesmo deve, com sua inquietude e incerteza e também com a sua fraqueza e pecaminosidade, com sua vida e morte, achegar-se a Cristo' (*Redemptor Hominis*, 10). Nosso desejo é obedecer à sua palavra de tal forma que pudéssemos desejar que todo o mundo cristão fizesse o mesmo. Mas toda a nossa debilidade não poderá desiludir-nos ou prender-nos na misericórdia que se revela na Cruz, está a fonte inexaurível desta força luminosa e persuasiva que nos fará sempre e de novo retomar ao caminho, 'esperando contra toda esperança' (Rm. 4,18)". GIUSSANI, L., in **Comunhão e Libertação**, nº.1, março de 1985, publicação da Casa Cultura e Fé, São Paulo, pp.7-8.

⁶⁸ Cf. Perrenchio, "Comunione...", op., cit., p. 395.

⁶⁹ "A providência divina realizou, nesse meio século, uma obra que, difundindo-se rapidamente pela Itália e pelo mundo, deu abundantes frutos de bem à Igreja e a sociedade. Esta obra, hoje, está presente em setenta países, e propõe uma experiência de fé capaz de enraizar-se nas mais diversas culturas; uma experiência que muda a vida das pessoas, pois a impele a um encontro pessoal com Cristo (...) O vosso movimento (...) quis e deseja indicar não um caminho, mas o caminho ' para alcançar a solução do drama existencial. O caminho, quantas vezes V.REV.ma o afirmou que é Cristo". João Paulo II (22 de fevereiro de 2004), por ocasião da comemoração dos cinquenta anos de Comunhão e Libertação. (In **Revista Passos** - encarte, nº. 48, março de 2004).

⁷⁰ "A verdadeira liberdade, de fato, não é resultado de um empreendimento humano, mas surge unicamente como fruto da realidade nova trazida por Cristo. Cristo está presente hoje na Igreja; concretamente, na comunidade cristã. Esta é a forma de contribuir para o processo de libertação do homem, em qualquer situação social e histórica em que se encontre". (Cf. GIUSSANI, PS, pp.44-45).

Universidade' vão se estabelecendo, primeiramente através da leitura da '*Carta Diogneto*', depois, a partir de 1969, estes grupos passaram a chamar-se '*Comunhão e Libertação*' (CL). Eles retomaram sua presença e anúncio público. Os anos de crise e em particular os eventos de 1968 estimularam naqueles que permaneceram fiéis a JE, em nível de conteúdo e método, um aprofundamento decisivo, do qual a fórmula de CL é uma feliz síntese.

Após o desligamento total de Pe. Giussani com a AC⁷¹, e com surgimento de grupos de CL nas Universidades em toda a Itália, à essa presença, ocorreu um grande impulso à recomposição do movimento no país, e, em seguida, em vários países do mundo. A idéia de CL⁷² se difundiu desde a Universidade até o mundo do trabalho, das famílias e dos Institutos de Bacharelado: as siglas eram CL.L. ('*Comunione e liberazione Lavoratori*' – Comunhão e Libertação Trabalhadores) e CL.E (Comunhão e Libertação Educadores).⁷³

⁷¹ Comenta Pe. Giussani: "o nosso '*êxodo das instituições*' não foi o resultado de um pré-juízo de uma presunção, mas a consequência de uma história e de acontecimentos que nos obrigaram a uma escolha que não tínhamos nem esperado nem preparado. Era, portanto, uma grande virada, mas não arbitrária, à qual fomos induzidos pelo justificado desejo de salvaguardar a nossa experiência e a sua peculiaridade, emancipando-a da angústia de certas posturas associativas cuja pressão se fazia sempre mais pesada". (In Ronza, CL, op., cit, p.54, nota 4).

⁷² Cf. Ibid, ibidem, pp.108-109.

⁷³ Cf. Perrenchio, "*Comunione...*", op., cit., p. 395.